

# MUSEU DA PESSOA

## História

### História de Vida

História de: [Carlos Gutierrez Figueiredo Cerqueira](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 13/12/2006

### História completa

#### Infância

Quando eu nasci meu pai já era, funcionário público do estado e minha mãe sua única esposa, prendas domésticas. Nestes últimos anos de vida de meu pai, andei curioso, assim querendo saber algumas coisas. Eles se conheceram numa fábrica de chocolate eu não sei bem qual era, se Nestlé, se Lacta, pode ser até na Kopenhageen, porque uma irmã da minha mãe, até ela morrer trabalhou para a Kopenhageen, enfim eles trabalhavam lá, fabricando chocolate, fabricando bombons, uma situação assim de trabalhador fabril, então eles se conheceram lá, eu não sei se quando casaram, papai já havia mudado de emprego. Eu sei que eles se casaram em 44, 43. Meu irmão mais velho é de 43, Se não me engano eles casaram nesse mesmo ano que ele nasceu, numa das datas de nascimento dos dois, acho que na data de nascimento do meu pai dia 10 eles sempre comemoravam juntos. Meu pai nasceu no interior, na cidade de Cajuru – São Paulo. A minha mãe nasceu, aqui na cidade de São Paulo, filha de imigrantes espanhóis, uma família muito grande. Eu não conheci nenhum deles nem vovô nem vovó. Meu avô era bombeiro e ela dona de casa. Mas eu não conheci nenhum dos dois. Quem conheci foi o pai do meu pai, meu avô querido. Mesmo assim quando ele faleceu tinha só quatro anos de idade, mas retenho na memória algumas poucas coisinhas (risos). Tenho dois irmãos mais velhos, Turíbio; era o nome do avô, e Washington Luiz que também é um nome que foi dado a ele em homenagem. Meu pai atendeu ao pedido do pai dele, era uma admiração pelo então presidente da república. Naquela época se não me engano, não era Governador do Estado de São Paulo era Presidente também e era interessante isso, que mais tarde a gente vem a saber o que Washington Luiz foi além de um político. Foi um camarada muito interessado em história e tinha como hobby, sair com amigos a descobrir coisas antigas. Ao redor da cidade de São Paulo, ele saía com um amigo, que era arquiteto e um fotógrafo. O que eles achavam, documentavam. Das coisas que eles acharam duas são hoje monumentos nacionais em São Paulo. Tem fotos deles, a de Washington Luiz está lá em frente da casa do Padre Inácio em Cotia. Fotos que ele tirou; depois em 1946-47 por aí, foram importantes para fazer a restauração da casa que havia caído desmanchado, a parte do alpendre da frente, a parte de madeira, e tinha restado uns poucos elementos, Estes seriam insuficientes para reconstituir, mas graças a foto foi possível a reconstituição. É interessante esta história do nome do meu irmão. De um historiador. Saber destas coisas todas é interessante.

#### Infância

Eu acho que a gente morava na Vila Clementino na Rua Joaquim Távora. Minha mãe, e meu pai me mostravam lá a casa. Se não me engano ainda existe. É que eu vi essa casa depois. Quando eu nasci parece, que a gente morava nessa casa. Aí eu não sei quanto tempo. Um ano, dois anos, a gente mudou para Moema, numa casa alugada. Dessa sim eu tenho uma boa recordação. Era na rua Sabiá, algumas quadras da igreja principal. A casa era um sobrado muito bom, tinha um jardimzinho de entrada, era uma casa que, ao entrar você tinha uma espécie de sala de visita. Aí vinha a escada para levar aos quartos, depois desta escada você atingia o que na época chamava sala de jantar. Eram duas belas salas, depois você ia para uma cozinha. Era uma belíssima de uma casa. Tinha depois da cozinha um corredor com armário embutido. Havia a saída para fora um quintal comprido lembrança de criança faz com que provavelmente seja mais comprido do que era. Tinha uma parte cimentada, e uma parte de terra na qual se plantava. E no final deste quintal, havia um galinheiro. A rua, acho que ainda quando estava morando lá era de terra, era a rua Sabiá, muito conhecida até hoje. É engraçado eu guardava de memória que tinha um trecho murado muito grande e que era escuro. Muro alto. Ela ficava muito escura. Hoje esse muro pertence a uma organização da Igreja Católica e está lá até hoje. A gente andava muito naquela rua, todo domingo era dia de missa. Eu me lembro que minha mãe nos levava, eu e meus dois irmãos, á missa. Eu tinha amizade com uma menininha, era amiguinho dela e brincava, éramos da mesma idade. Eu guardo recordações interessantes disso daí que vivi, até quatro anos de idade. O pessoal fala que para essas coisas eu tenho memória prodigiosa. Eu tinha parentes que moravam perto, eu me lembro ter ido ver soltar um balão. Desses balões enormes que para encher o balão, você tinha um camarada que ia no 2º andar de um bar que era sobrado e, com uma vareta muito comprida e, um pau amarrado lá na ponta. Quando o balão enfim encheu, atearam fogo na tocha. Quando o balão encheu e ganhou força, o balão tinha que soltar, arumar um jeito de soltar a vara lá em cima da ponta do balão. O balão foi subindo, subindo o pessoal ficou tentando segurar, não dava mais, e ele foi com vara e tudo. Sabe esses balões enormes assim. Eu sei que eu brincava muito com ela. Nessa idade não tinha malícia nenhuma. Eu não me recordo do que a gente brincava. A casa dela se não me engano era uma casa dentro de um terreno maior do que a minha casa. Minha casa era germinada, a casa dela na frente era de madeira, estilo que você encontra no Paraná, uma parte de alvenaria, uma parte de

madeira. Situada no meio do terreno, tinha bastantes árvores ao redor era quase uma chácara. Era uma casa que lembraria mais uma antiga chácara do que uma propriamente urbana. Eu sei que eu tinha muito amizade, a gente se via quase todo dia, mas eu não me recordo do que especificamente a gente brincava. Eu acho que a rotina era essa. Meu pai saía pra trabalhar, eu acho que neste período ele tentou fazer o curso de direito, em Campinas. Ele ia trabalhar, e voltava tarde da noite. Depois a gente mudou para Vila Mariana perto dessa casa, onde eu nasci. Era rua acima, na Rua Rio Grande. Eu me lembro muito bem. Papai chegava tarde. Não é assim, anoiteceu daqui a pouco ele chega. Não. Mais tarde, e aí ele não agüentou. Não fez o curso inteiro, parece que ele foi até o 2º ou 3º ano, de Direito e acabou abandonando esta idéia. Ele me garantia que nesta época ele já era funcionário público trabalhava na faculdade de medicina e ali fez a carreira. Trabalhou 35 anos direto lá.

### **Infância Escolar**

Como eu faço aniversário no meio do ano, fui começar a fazer o primeiro ano primário com 7 anos completos, ou seja, eu entrei em fevereiro do ano seguinte na escola. Já tava quase que atingindo 8 anos. Era escola estadual. Até hoje ela existe, na Rua Dona Júlia. É Grupo Escolar Marechal Floriano. Acho que esse era o nome. A gente ia a pé, saía da Rua Rio Grande. Era uma caminhada e tanto. Tinham duas maneiras de ir pra lá, as duas eram compridas tinha uma que parecia ser mais curta, porém com uma bela descida e uma bela subida. A gente escolhia ora um caminho ora outro para ir. Ah Eu me lembro muito bem do primeiro dia de escola... As minhas lembranças de infância são muito fortes, depois a minha memória começa a ficar... A recente então é pior ainda. Da infância recordo muito bem. A minha mãe me levou, tinha aquele pátio imenso um monte de gente e de repente começaram a chamar para formar, organizar fila. Eu agarrado na mão da minha mãe assim temeroso, bem, minha mãe encorajava-me, “---- eu vou ficar aqui, vou te aguardar, venho te buscar, fica tranquilo e tal”... “----Seus irmãos já foram estudar”..... Mas me deu pânico, quando um garoto, começou a chorar agarrando acho que na mão de sua mãe. Aquilo lá, deixou provavelmente todos nós que estávamos entrando naquele ano, apavorados. Não sei quantas salas de 1º ano eram. Era um grupo escolar muito grande e tinha uma criançada imensa e a gente fazia lá de 1ª a 4ª série. Era um grupo escolar com várias salas. Era um prédio grande, sobrado, salas em baixo, em cima. Era um belo de um edifício. Inclusive ele existe até hoje. O terreno é que foi diminuído para passar a Av. Vergueiro atrás. Olha o que eu me lembro dela, é que embora a gente diga muito hoje que escola pública era uma escola voltada naquela época para a classe média, o que eu me recordo dela, é que ela não era assim, ou apenas assim. Eu acho que ela continha uma quantidade de alunos pobres. Eu tive um colega negrinho que foi meu amiguinho, e a mãe era muito religiosa. Eu me lembro de certas coisas, ela dava santinhos e ele era um garoto muito, muito meigo. Como sua mãe assim, muito doce. Havia colegas que tinham atitude que diferentes da nossa, e que se vestiam mais pobremente. Neste período de grupo escolar, embora a gente saiba hoje que não tivesse começado propriamente um processo de democratização no ensino, mas já havia sido dado alguns passos nas séries iniciais. A gente tinha ali perto, a grande favela do Vergueiro. Era uma imensa favela. Certamente era atendida. Agora, Vila Mariana é um bairro que é de classe média, então você tem um contingente grande de classe média nas escolas públicas da região, e também da favela do Vergueiro. Como escola primária eu me lembro daquele panorama: uma professora no 1º ano, outra professora no 2º ano, no 3º outra, no 4º ano. Da primeira professora eu me lembro. Tinha um jeito assim meio alegre, {grandona}, meio gordona, braços gordos, ela impunha medo. A começar pelo tamanho dela, ela tinha uma voz muito forte, autoritária. É... me lembro também nesta época, tinha professor com liberdade não só de recriminar. Mas de te repreender assim digamos,.... Fisicamente Te colocar não só de castigo, como também de puxar pela orelha. Uma das coisas que ela fazia era puxar esse pelinho, uma penugem que a gente tem aqui atrás do pescoço (apontando e mostrando os pequenos fios atrás da nuca). Ela puxava aí porque, não fica sinal nenhum. Um beliscão na orelha depois fica roxo, no braço também. Quer dizer, as professoras tinham essa possibilidade de repreensão física. Ela deveria ser uma boa professora. Eu acho que uma das coisas que a gente tem dificuldade hoje em dia é de sacar como é que na verdade a gente sai do zero e de repente a gente estava sabendo ler e escrever. Parece que não é uma coisa tão racional. Eu não lembro quais foram os passos, eu sei que eram cartilhas. Era aquela cartilha, que certamente era um abecedário o A certamente ligado a abelha, tinha o desenhinho da abelha. (risos). O B devia ser alguma coisa ligada a burro ou qualquer outra coisa assim. O que eu acho que não era bom era aquela coisa de dividir a sala entre os que tinham bom aproveitamento, médio, regular, e baixo ou péssimo aproveitamento. Então você tinha as filas dos gênios, dos bons, as os mais ou menos e as dos ruins. E isto eu me lembro que pesava muito. Criava situações de conflito entre os alunos, ficávamos sentindo-se mal, tanto de um lado como do outro. Eu pelo menos me lembro de sentir muita raiva de um moleque, que chamávamos de quatro olho. Ele usava óculos e era metidinho a gênio. Ele não se dava bem com a maioria dos alunos, se considerava o tal. E a gente também se sentia muito mal ao se ver na fila do mal rendimento. Não me parecia que fosse um critério que fizesse com que os alunos procurassem reagir. Lógico que procura reagir, mas acho que existem outros fatores que não eram considerados á época. I

### **Infância**

No primeiro ano foi essa recordação. O segundo e o terceiro não me recordo bem, e o quarto ano pegamos certamente uma senhora em crise. Ela me marcou bastante, tinha palavras muito ah..... Eu não saberia reproduzir nenhuma das palavras. Mas a sensação que guardo, de certas coisas que dizia, eram muito amargas, muito duras. Como se ela quisesse dizer pra nós: “Olha a vida não é esse mar de rosas que vocês imaginam que seja”, dizia isso de uma maneira aguda. Ela era também uma pessoa muito quieta. Se limitava em impor a autoridade dela, para disciplinar a sala. Aquela quietude muito diferente do que é hoje. Aquele silêncio. E sempre muita tarefa. Aquele jeito dela não me fez bem. É como você estar com azia, sentia um gosto amargo na boca. Acho que eu era uma pessoa que precisava de alguém incentivando. Ela não era desumana mas faltava-lhe humanidade(pequeno riso) .... Há coisas interessantes que eu me lembro. A gente ri, não sei que ano isso ocorreu, mas tinha um menino que começou a dar muito trabalho. Ele fazia xixi e a professora ficava p.da vida: “--- Porque você não avisou... Vai ao banheiro ... tal não sei o que” ( Imitando a professora) e chama o pai e chama a mãe “--- Olha antes de entrar você vai ao banheiro ...não sei o que” “Toda vez que você precisar você levanta a mão” e ele não levantava e fazia. Até acertarem que teria o compromisso, de levantar a mão. Mas ele era um cara extremamente envergonhado. Ah isso foi muito engraçado Um belo dia ele levantou a mão. “Pode ir então “(rindo imitando a professora preocupada). Ele saiu, voltou e fez xixi na sala. “Ah você não foi lá fazer xixi, então”. Disse a professora. Ele não sabia explicar. Depois veio a explicação. Havia senhoras limpando o banheiro, ele chegou, viu aquilo (risos) voltou e fez na sala (risos). Não sei quando isso ocorreu, mas ficou gravado. Havia coisas boas na escola no inverno. Íamos numa grande cozinha, pagava-se por isso, acho que era um cruzeiro. Você recebia um achocolatado, quando fazia frio e, esfria muito em São Paulo. Era uma delícia, porém não era possível fazer sempre, acredito que certamente havia uma política, Quem podia pagava.

### **Juventude**

Passei minha vida em São Paulo. Na juventude sempre fui muito vidrado em futebol. Jogava futebol na rua, no quintal de amigos. Num

determinado momento o dono de um posto de gasolina, que possuía um quintal enorme, junto com amigos e meu pai se comprometeram a fazer um clubinho dentro da residência dele. Eles gostavam muito de jogar bocha, a idéia nasceu. Fazer um campo de bocha, pra reunirem-se e conversar. Mas sobrava espaço, então, além de ter um campo bom de bocha, bem batido, fizeram ao lado um campo de futebol de salão grande quase que um soçaite. Um desses maiores, de areião. Lembro que chegou o caminhão de areia pra nivelar. Era até cansativo por que jogávamos num campo que parecia praia. Depois de tanto jogar, ficou mais duro. Ali então passou a ser nosso lugar de jogar diariamente. Na época de férias jogávamos pela manhã, a tarde, e a noite (risos). Era de quem fosse associado. Começou a ficar mais numeroso, atraindo gente de longe, Depois o pessoal abriu. Durante o dia era muito masculino. Nesta época menina não jogava futebol, era divertido jogar voley, então dávamos um jeito de jogar misto. Ali neste lugar também fizeram festa junina e outras. Arrumávamos som, dançávamos Celi Campelo “o banho de lua lá”... Casei-me com a Irene que é filha de imigrantes japoneses. Tenho duas filhas mestiçinhas lindas, que não são mais meninas são duas mulheres. Silvia de vinte e quatro e a Claudia já com vinte e sete formada em fonoaudiologia na PUC, batalhando para se firmar como fonoaudióloga. Para isso tem a ajuda de meu irmão que é dono de uma clínica, onde tem trabalhado. Estamos tentando criar outras alternativas; possibilidades. Como ajuda-la a se instalar em são domingos junto com psicólogos. A Silvia está batalhando para se firmar como química, meio difícil, é recém formada ainda Fez Mackenzie. Acho que vai dar certo. Eu queria trabalhar. Comecei a perturbar, queria ter dinheiro no bolso. Meu pai falou com um amigo dele, que foi meu padrinho de crisma. O adorado seu Pio. O homem que nasceu e morreu no mesmo dia, nasceu dia 11 de junho morreu dia 11 de junho. Era uma pessoa fabulosa, dessas que não havia quem não gostasse, espirituoso demais, filho de caboclo e de índio do litoral norte paulista. Eu fiquei alguns meses na loja dele que era ali, uma travessinha da Xavier de Toledo. Possuía uma loja com o irmão dele, uma loja que vendia material de laboratório, materiais usados em laboratórios, monte de vidros, aparelhos.

### **Opção/Vocação**

Acho que eu tive duas influencias. Do lado de minha mãe era a parte humilde da minha família, os meus tios, primos e primas. Tinha tia Rosaria. Morava a beira de um rio muito fedido e cuja casa, lembro uma vez que tinha desbarrancado a cozinha. Era casada com um tio meu que era pintor e bebia demais. Foi um péssimo marido, batia nela. As coisas não se desfaziam como hoje se desfazem, dá um chute na bunda e manda embora. Antigamente era mais difícil, a família toda sofria. Existia o lado da parte de meu pai. Alguns doutores, advogados, tinha gente de uma outra condição social. Eu sentia muito mais a pressão deste lado, e era uma parte que eu convivía mais. Talvez fosse assim: Muito pobre e um pessoal mais ou menos. Com o pessoal mais ou menos morando mais próximos entende? Os pobres viviam mais distantes. Visitar essa tia Rosaria era sempre complicado... E visitar uma tia que tem um cara que quando você chegar lá não sabe como vai estar, não te motiva muito (Risos) a fazer uma visita. Do outro lado ir a casa do tio André por exemplo, era sempre uma festa, uma alegria, Era gostoso andar, não tinha falta de nada. Acho que as duas família levaram um peso específico., Enquanto que uma me pressionava no sentido típico mesmo de classe média, se você quer ser alguma coisa tem que estudar e bláblábláblá. Era pressão diretamente sentida por pai e mãe. Não fui um bom filho neste sentido, eu repeti duas, três vezes de ano. Não fui exemplo como meu irmão mais velho, que repetiu uma vez só na vida porque ficou doente. Agora o outro lado era interessante. Um lado que veio casar lá na frente, quando estou fazendo faculdade, O lado da família pobre que tem operários, tem pedreiros, tem prima minha que casou com cara que tem oficina de conserto de maquina de lavar roupa, de geladeira, Aquelas officinhas bem feias, não era nada refinado, bonitinho. Tudo isso me influenciava e eu aprendi a gostar dos dois lados da família. Enfim cada uma do seu jeito. Mas acho que o lado mais classe média de minha família, é que foi responsável por esse peso, essa coisa .... “Vai estudar senão vira carroceiro” Essas coisas que se falava naquela época ... “Você vai puxar carroça”

### **Opção/Vocação ( fatores da escolha da profissão)**

Olha não sei te dizer muito bem. Decidi estudar história meio em cima da hora. Fui fazer inscrição pro vestibular e saí de casa sem saber o que fazer. Uma coisa eu sabia. Matemática, esta parte de exatas, eu não havia me preparado, tinha feito clássico então o leque era toda a área de humanas, mas compreendendo também letras. Mas eu não sabia. Decidi isso em cima da hora. Era um pouco mais fácil naquela época, porque no exame vestibular existia a possibilidade de você colocar três opções. A primeira era a opção de fato, existindo outras duas, dependia da nota que você houvesse tirado. Se a nota que você tirasse fosse suficiente pra sua primeira opção mas fosse possível uma segunda ou terceira opção você entrava e aí decidia se queria ou não queria. Eu acho que decidi na hora. Quero história, segunda geografia e terceiro filosofia. Sempre gostei muito de letras, gostei muito de escrever, já tinha tentado escrever. Fazer poesia, tentado fazer um romance, então essa atração pela parte de literatura, de escrever. Mas era um péssimo aluno com regras gramaticais, análise sintética, sintática, tudo isso. Eu não queria ser professor de português. Aliás, imaginava que eu não queria ser professor, daí então pensar filosofia. História foi na época do clássico, a coisa que eu mais gostei. Detestava na época de ginásio a gente fazia a primeira segunda terceira quarta série ginásial e depois fazia o científico ou o clássico. Fiz o clássico no ginásio, não tive professor de história. Tive alguém que ia lá na frente fazia de conta que era professor de história e ditava coisas para a gente. Copiávamos, ela ditando de livros e a gente copiando. A avaliação de historia era assim: vocês pegam o caderno estudam do ponto tal ao ponto tal então era um absurdo É impossível você gostar de uma matéria quando ela é dada assim. Tive durante o ginásio desta maneira aula de historia... Então eu tinha ojeriza Agora no clássico eu me lembro até hoje. Tive a Professora Verinha (Sorri). A Verinha era outra coisa Ela chegou com a gente era uma pessoa de esquerda. Formada também na USP. Depois eu a vi na USP com o Maranhão. Era colega do Maranhão. Ela possuía uma dinâmica toda pessoal. Primeiro uma mulher bonita, pequenininha mas bonitinha e isso mexe com a gente ( risos ). Segundo, ela era inteligente. Sabia fazer as coisas com uma dinâmica. Gostaria muito de ser como ela .... Ela vinha com texto e jogava em nossas mãos. Constituíamos grupos, não perdia tempo. Propunha que a gente fizesse leitura. No inicio ela botava umas perguntas na lousa, mas no final ela já estava colocando um texto. Vão ler o texto todo. Qual é o tema? Qual é o assunto? Qual é o tema que o autor deste texto esta discutindo? Verificar como? Em que contexto histórico, e período histórico, este texto pertence? Que discute? Através de um documento, íamos buscar se era época do renascimento, da revolução francesa. Devíamos ao ler o texto procurar no livro coisas assim. Enfim ela tinha uma dinâmica, e um jeito especial que encantou a todos nós, e era difícil, tinha grupos que não conseguiam fazer. Meu grupo funcionava bem porque todos gostavam muito de ler, era um grupinho que tinha uma certa afinidade, a gente ia muito bem em história, e em português também. No clássico nós tivemos um outro tipo de professor, que ao invés de dar muito gramática, nos deu um panorama de literatura nacional. E muito boa. Não a nacional lá do século XIX. Dos realistas para cá. Nem chegamos a ver Machado de Assis. Euclides da Cunha por exemplo foi uma coisa que a gente quebrou a cabeça para entender. Então a decisão foi assim meio em cima da hora. Acho que a Verinha é a culpada (Risos), e aí entrei não precisei tirar uma excelente nota não, mas foi a primeira opção. Não fui tão mal assim eu entrei na turma da noite, as oitenta vagas da noite.

## **Formação pedagógica**

Eu entrei num momento.... Entrei em 1970. Quando entrei lá não tinha claro que toda a faculdade de filosofia e não apenas história mas toda a faculdade de filosofia, tinha acabado de sair de um grande trauma. Isso não era consciente para mim ou seja a faculdade de filosofia havia sido expulsa da rua Maria Antonia, naquele duelo também chamado de guerra da Maria Antonia com Mackenzie. Que na realidade não era uma guerra entre uspianos e mackenzistas mas entre esquerda e direita. A direita estava, mais firmemente fixada no Mackenzie, com o apoio da reitora na época. Enfim isso não era consciente para mim porém já existia um trauma. Era um grande abalo mas isso não chegara ainda a intimidar o corpo de professores principalmente em áreas mais monolíticas como sociologia, antropologia, mesmo em letras. Outro dia eu estava lendo alguma coisa do Fernando Novais que dizia: "História lá na USP é diferente".... É diferente. E era mesmo, porque na História você tinha as várias tendências ideológicas. E matizes diferentes. Professores com matizes diferentes, porém mesmo assim o pensamento de esquerda era o pensamento mais forte na História. Então eu tive a oportunidade de ter aulas com Fernando Novais, Carlos Guilherme Mota, que eram expoentes duma geração que nascia. Mas eu não peguei o Sergio Buarque. Cheguei a ter aula com Manuel Nunes Dias, embora fosse um camarada que a gente considerava de direita. Ele tinha uma produção. A tese dele era muito bem elaborada. Era um trabalho de historiografia muito bem feito. Tive aula com ele, isto é importante, porém era uma pessoa difícil de trato. Tive aula também com o Eduardo de Oliveira França. Era um camarada que estava por trás de Carlos Guilherme Mota e Fernando Novais. Ele era muito interessante também. O França bolou uma maneira de ensinar História contemporânea, saía das aulas gerais que você dava para a platéia toda. Foi adotado como sistema de estudo de História lá na USP. Adotaram em outras cadeiras também. Tem aula geral e depois você vai para seminários. Parece que essa formulação, Seminários em pequenos grupos, não devemos ao França, mas à aalgun francês. Braudell, Pessoal que teve aqui que foram os grandes mestres na História. Não tinha essa consciência toda deste trauma mas também eu entro na faculdade no período de Garrastazu Médici. E saio de lá com o Geisel (Risos).... Então você já havia passado todo um período que são os anos 60. Foi fabuloso para quem viveu esse tempo. Mais fabuloso para meus irmãos mais velhos. Se eu não era muito novo, eu também não tinha digamos amadurecimento, principalmente mental para entender aquilo que tava ocorrendo nos anos 60. Ainda nos anos 60 estava mais preocupado com o futebol que eu jogava, com as meninas, com a minha situação de querer se firmar. Enquanto tinha o rebuliço todo onde, via meu irmão mais velho ainda não universitário participando com os colegas dele como estudante. De um movimento estudantil vigoroso que se instalou em São Paulo, no Rio. Era um movimento de estudantes universitários mas que se estendia principalmente ao segundo grau. Eu propriamente peguei um final disso, mas sem uma plena consciência. Quando entrei na faculdade num período que vivíamos sob a égide de uma desconfiança. Circulavam boatos de que você tinha colegas infiltrados. Que não eram propriamente estudantes, era um clima meio de terror, e isso assustava muito, quando você entrava na faculdade. Então você ficava meio perdido, mas ao mesmo tempo o clima universitário vai te soltando, você vai se tornando mais corajoso. Vai enfim diante daquele clima todo, mais à esquerda socialista, mais comunista, mais crítico. Você vai se sentindo cada vez mais acuado no bom sentido. Eu chamo bom sentido. Acuado no sentido de uma revisão dos seus valores, dos seus conceitos todos. E vai te empurrando para um ponto que você tem que decidir, qual a sua opção ideológica, não momentânea, mas qual é a sua visão de mundo?... Isso implicava em visão e definição do que você pretendia ser dali adiante. Pelo menos para mim e boa parte dos colegas sentíamos desta forma. Vamos dizer assim no segundo e terceiro ano antes de você sair da faculdade você iria se definir. A tendência maior das definições na área toda de humanas; era por uma opção de esquerda. Era isso. Era até possível de ser contabilizado, passar uma estatística. Não era uma coisa fácil, era um processo de depuração, que você passa e que só se resolve estudando muito. Não era uma questão apenas de reflexão, era uma questão de que você vai ter que fazer muita; muita leitura. Eu lembro que a minha ocorreu da seguinte forma. Havia abandonado o meu lado religioso antes mesmo de entrar na faculdade. Tinha pouca ligação com a religião, já tinha uma crítica forte. E tinha toda a influência de uma existência. Uma existência que não teve nem pai nem mãe que me forçou a ser religioso. Como todos tivemos uma religiosidade própria. Eu não tive que obrigatoriamente abandonar essa religiosidade inteiramente, mas tive que dar uma olhada nisso. O marxismo, te coloca diante de uma linha de visão assim muito materialista de história, em que a religião como as ideologias são um plano de elaboração total, um produto cultural. Você entender bem esse produto cultural é entender a ideologia e como parte da ideologia a religião e a própria política como um plano nesta superestrutura. Então tudo faz com que você tenha que ter um trabalho coletivo com seus colegas muito grande. De debates. Também um trabalho íntimo grande que não é fácil resolver e que não se resolve na época da faculdade propriamente dita. Porém ela te obriga. A mim pelo menos me obrigou a uma opção. Acho que estou tentando responder também aquilo que você colocou, em que influenciou? .... O que influenciou quando sai da faculdade, é que eu começo a ter experiências. Por exemplo: no magistério vou dar aula em escola pública .... A escola pública que eu havia deixado quatro cinco anos antes, já estava mudando e havia mudado um tanto. Ou seja a democratização do ensino era muito maior que a minha época, o público que eu tinha que dar aula e aonde eu conseguia dar aula também.

## **Formação acadêmica**

Acho que no plano de formação temos que reconhecer: É deficiente. As suas deficiências são várias, especialmente no plano didático. O que temos ou o que eu tive na faculdade era muito pouco. Não sei como está hoje. Saímos da faculdade sem didática, sem experiência alguma de enfrentamento em sala de aula, sequer de organização. Parece que o período de faculdade foi completamente diferenciado. Esquecemos quais eram os planos, quais eram os programas, o que tínhamos visto no ginásio. No meu caso era o clássico. Mas o que era um programa de história? Quando de repente voltamos a isso, o que temos que dar é aquela extensão enorme do programa de história, que ainda existia, era uma pressão muito grande. Comecei a dar aula em setenta e cinco. Cumpri programa para esse público, apesar que já era um outro público.

## **Redes de ensino**

Um estudante de dentro da cidade, Vila Mariana vai dar aula em Santo Amaro, vai dar aula na periferia de São Paulo, o público é outro. Já havia mudado bastante, mas aquela definição toda de linha vai implicar o seguinte tanto eu dando aula em periferia como dando aula em pinheiros, numa escola católica. Entre dar aula em uma escola católica que atende classe média e classe média abastada. Gente chata, gente burguesinha, meninhas. Te tratam como se você fosse empregado delas. Eu não tive saco para ser bem claro. Entre agüentar a mau criação na periferia e ter que agüentar petulância das riquinhas, a minha opção era muito clara, eu abandonava as escolas católicas ali de Pinheiros e dava como preferência a escola pública.

## **Cotidiano da Escola**

Eu dei aula no curso noturno em Santo Amaro. Aliás foi um negócio muito interessante, a minha primeira experiência em sala de aula. Entrei numa

sexta série. Os alunos entraram e sentaram parecia um negócio interessante, dei as costas e encostei-me assim na lousa, e tentei conversar com eles o que pretendia desenvolver enquanto programa. Mas me estendi falando. Quis falar antes de colocar alguma coisa na lousa. Me estendi alguns minutos falando com eles (Risos). Todos olhando para mim quietos, não eram crianças, era aula a noite então tinham dezesseis anos para cima. Aí falei, bom, esse é o primeiro contato nosso, agora eu vou escrever algo na lousa, vamos colocar o programa inicial do primeiro bimestre, é o que vou desenvolver com vocês, (Risos). Quando me virei para a lousa pra escrever, uma chuva de giz em mim e na lousa assim: “pluaááááá” (imitando o barulho dos impactos) todos deviam estar com giz na mão e jogaram na lousa. Deu um barulho, e isso me assustou. A primeira aula minha. Eu não me lembro o que aconteceu. Eu me lembro que me virei pra eles, devo ter falado pelo menos um “pôxa”. Mas apagou. Sei que fiquei lá, não sei o que falei, não sei como é que foi a coisa. Eu realmente, acho que o impacto foi tão brutal que não sei como foi. Isso me marcou muito. O que posso te dizer apenas é o seguinte: consegui depois dar aula nesta sala. Inicialmente era uma coisa maluca, eu entrava e as pessoas me ignoravam. Tentava colocar coisas na lousa pelo menos pra eles. Como consegui dar aula? Eu comecei a tentar observar a sala e identificar quais eram os líderes, tinha um loirinho que achava ser o grande líder, e tentei uma aproximação com ele, dentro e fora da sala de aula. Aconteceu, em algum momento ele me deu ouvidos. Conseguimos conversar, em algum momento, eu consegui, certamente foi fora da sala de aula. Um belo dia entrando na sala, chamei por ele e falei assim eu preciso da sua colaboração cara, se você colaborar, se você prestar atenção no que quero ensinar pra vocês, se você me der uma oportunidade, conseguirei dar aula para todos Ele falou: - duvido professor... Eu falei se você colaborar, eu consigo. Quando comecei a aula eu não tava conseguindo. Ele chamou a atenção da sala assim: “ohhh o professor hoje tem um negócio legal pra falar aí. quer falar com a gente ... vamos escutar um pouco” e aí eu propus o meu jeito de dar aula, o que eu queria e tal e pápápá. E... Passei a dar aula ( Risos ). Eu dei aulas pra eles nessa série (mostrando satisfação), nas outras eu já tinha conseguido. Tinha outras aulas, mas essa era pra mim uma espécie de grande desafio. Concluo o seguinte . Não adianta você apenas ficar preocupado em se preparar pra cumprir programa, por melhor que você se prepare o início é tão difícil. Você não tem experiência nenhuma, você só vai conseguir ter a tranquilidade de passar conhecimento , pois é essa a nossa tarefa. Somos professores, e como tal temos que colocar o conhecimento historiográfico, o conhecimento em geral. Atualizar esse conhecimento e fazer com que essa nova geração pelo menos chegue ao conhecimento da sua geração. Teríamos que ter um esforço de atualização deste conhecimento. Agora atualizar conhecimento em história do jeito que ela é fracionada, especializada. As histórias, os grande períodos históricos, sou mais favorável a busca de uma melhor compreensão melhor possível. A história nacional, da historia brasileira, independendo pra quem estamos dando aula. Independendo de como estão estruturadas as coisas. Hoje numa escola pública pouco podemos imaginar que o aluno possa realmente pleitear universidade. Mas se criarmos condições, se uma escola criar condições pra isso. Hoje as condições são muitas adversas, seu estágio mostrou. Você teve claro de quão adverso é ( Se referindo ao meu próprio estagio com ele no Brasil/Japão). Pra estabelecermos uma identidade com o aluno, um relacionamento, um clima em que permitimos através da aula dialogada, ganharmos, despertarmos o interesse dele. É o relacionamento. Tem que ser estabelecido uma relação entre as partes, professor e alunos Ela é difícil. Acho que na minha época ela era difícil porque, era colocada não do jeito que a Verinha fez comigo, numa coisa assim de patamar, eu sou o professor, e vocês são os alunos então era uma coisa assim inquestionável, o professor podia falar uma bobagem que era uma coisa inquestionável, era a questão de autoridade. Isto a gente ajudou a eliminar, acho isso bom. Essa coisa de você ter um respeito, idolatrar o professor, é uma coisa completamente errada. Por mais que ele seja soberbo no seu conhecimento, não é possível aprender, com um professor onde você, não pode contesta-lo nem discutir pontos de vistas diferentes daquilo colocado por ele. Professores donos da verdade, algo de autoridade era muito sentida na minha época de estudante. Temos que permitir o diálogo com o aluno. Isto até permitimos demais hoje. O grande problema está na grande dificuldade desse público estudante se interessar em saber. Acho que ele não tem atualmente estímulo, coisas bem claras e objetivas que façam-no a ser estimulado a se interessar pelas disciplinas que são dadas na escola. Vemos uma grande dispersão na cabeça dos alunos. Muito poucos os alunos interessados. Não acredito em aluno interessado. Eu também não fui interessado em tudo. Você foca alguns interesses : matemática, português, historia, biologia. Em minha época tinha lá minhas tendências para as áreas de humanas, não gostava de matemática. O sistema hoje em dia, essa coisa da promoção do ciclo, promoção serial, desobrigou o aluno. Criamos o aluno irresponsável. O sistema acabou criando o aluno irresponsável. Quem defende o sistema fala assim: “porque o sistema foi mal aplicado”, “porque os educadores em geral ainda vêem o ciclo”. Essa concepção sistêmica, que implica a possibilidade de várias metodologias. De ser bem aplicada. Eu também concordo com isso, mas não existe. Se isso fosse por si só válido, teria dado certo. Porque não deu certo? Por causa do sistema. Talvez não seja só por causa do sistema é que também as condições objetivas de implantação deste sistema não existem. Não só a questão do preparo do professor, mas as condições objetivas da escola. Digo materiais mesmo para que isso seja possível. Para uma escola ter clima estudantil, ter clima de escola. O aluno hoje ao entrar na escola não tem a obrigação de estudar. Ele entra na escola como um lugar de encontro. Na periferia tem muita gente que estuda contando com a hora do recreio, ter um bom lanche, que vá almoçar, que vá jantar. As escolas não tem como controlar a indisciplina, que está ficando demasiadamente perigosa. A violência dentro da escola não só entre alunos, mas todo mundo brigando. O conflito, ele se dá, com numero de alunos violentos com os professores, a violência está na depredação do próprio bem público, do espaço. Minha escola Brasil-Japão está sendo objeto de depredação pelos próprios alunos, de gente que vem de fora para depredar também, são conhecidos ali. A escola está largada. Aí qualquer sistema eu concordo, não vai funcionar. Voltarmos a seriação também não vai funcionar. Mas uma coisa me lembro, Não fui um bom aluno. Repeti de ano. Repetir de ano é uma coisa chata, pode não ser chata para dois ou três. Mas pode ser chata para um numero relativamente grande de alunos. Voltar a repetir é mais chato ainda. Tem uma hora que não gostamos de repetir de novo. Criamos aquilo que antigamente a mãe e o pai da gente falava “ cria um pouco de vergonha na cara”, criamos compromisso com nós mesmos, .... “não, eu vou estudar”. Hoje em dia uma parcela muito grande de alunos repetem por que faltam muito, porque se não faltassem não repetiriam. Eles não entram em sala de aula. Estão na escola mas não entram em sala de aula. Porque não entram em sala de aula? Porque a escola não tem condições de colocar os alunos dentro de sala de aula. Porque não tem? Não tem inspetor de aluno, não tem gente na escola trabalhando que possa fazer isso. As pessoas que tem responsabilidade para fazer isso, têm medo de agir, de enfrentar determinados grupos de alunos, e quanto mais eles se agrupam, mais poderosos eles ficam, mais eles te intimidam. Não sei.

### **Cotidiano da Escola/Livro Didático**

No início, meados dos anos setenta era ainda possível pensar em solicitar compra de material escolar, livro, mas já havia um bom numero, de alunos que não tinham acesso a livros nunca ia ter, você acabava as vezes comprando livro para ele ou pegando um outro que já tinha sido usado, mas isso foi se tornando difícil, teve um período que não tinha atendimento a esse tipo de coisa. Aí começaram as pressões pelo livro didático, do governo prover o livro didático pra as escolas públicas. Isto é sempre assistemático. A resposta do governo a isso..... Você espera meses ..... Você não vai esperar meses para começar ensinar e as vezes não vem em numero suficiente. Hoje em dia vem em numero suficiente para você

ficar fazendo rodízio, há uma trabalhadora medonha. Então o que acabou sendo feito, vejo isso em história, em geografia, em português; os professores pegam de diversos livros material pra ser dado para os alunos outros fazem diferente, passando em losa, produzindo esse material mimeografado, xerografado. A falta de dinheiro para essa reprodução acaba hoje em dia privilegiando a losa e isso casa também com uma tendência que eu vejo na escola pública; os alunos de escola pública hoje em dia se você não bota nada na losa, você não tem atenção deles. Enquanto tem alguma coisa na losa seja pra copiar, seja pra executar como tarefa como atividade e tal, você tá dando aula. O dia que você resolve dar aula teórica, você não consegue dar uma aula teórica você dá parte da aula. Isso tem ver com esse negócio de atenção, a criança mesmo o adolescente tem um xis de tempo. É que a gente força a estender esse tempo. Uma aula mesmo na faculdade hoje em dia, um professor falando uma hora e meia você não consegue ficar ligado o tempo. Você dá umas desligadas, dependendo do que ele está falando você volta. É que você está fazendo aquilo que é seu interesse. Então hoje em dia é complicado esse negócio de preparar o material executar. Você tem que tentar o máximo de diversificação possível. E eu aconselharia vocês que estão pra chegar lá a se preocuparem muito com a forma e não só preparar o material. A forma como vocês vão chegar nos alunos para uma proposta, se a proposta de vocês para eles tiver fundamento na realidade deles legal, você está tentando estabelecer uma vinculação com a matéria e a realidade dele isto é importante. Você só consegue despertar interesse numa pessoa na medida em que ela sinta necessidade de examinar aquilo que você está colocando. Se o que está propondo de alguma maneira consegue estabelecer um vínculo qualquer, uma identidade qualquer com a realidade dele, então é um ponto de partida importante. Você pelo menos obteve a atenção dele de início.

### **Cotidiano da escola**

Bom, diante do que aconteceu ontem, antes de começar a entrevista eu estava te falando; alguma coisa a gente pode falar de positivo, nem só de negativo. Acho que as mudanças negativas é que a cada dia a escola está pior. Ela está pior no seu quadro geral, é mal municada, não tem funcionário suficiente para funcionar adequadamente, começa por aí. Materialmente é uma escola pobre. Ela é para pobre, então é materialmente pobre. Mesmo que você dê leite, dê refeição, dê material escolar, ela continua sendo uma escola pobre. Mesmo que tenha tido investimentos altíssimos de informática, que hoje não estão sendo mais utilizadas nas escolas públicas de São Paulo, porque a política de uso destas salas de informática está completamente descaracterizada. Foi investido muito materialmente. Gastou-se muito. Foi investido em profissionais, foi investido em estimulação de projetos. Tudo isso foi jogado fora hoje com as tais pré e pós aulas. Quando você antes inseria os projetos de história, geografia, tudo lá na informática no sentido de tentar motivar o aluno a aprender, agora com a atual gestão, descaracterizou isso. Então tem uma série de coisas ruins a gente sente que do ponto de vista do preparo dos professores mais novos há também deficiências. Lógico que este é um tema complicado de ser falado. Mas há algumas escolas que não preparam adequadamente. Se eu estava fazendo crítica a minha época de que a gente saia da faculdade sem se sentir bem. Você tem um número de escolas hoje muito grande que não oferecem qualidade, e você tem seus colegas que vem de escolas sem essa qualidade e as vezes compromete muito. É muito ruim as vezes o professor escrever mal ( risos ) e ensinar errado o aluno. Você tem também essas coisas. Quanto a clientela é cada vez mais dispersa, menos interessada, e eu acho que isso tem a ver com a realidade do país. A escola não é hoje trampolim, estão tentando coloca-la como trampolim, tentam mostrar assim: “Se você tiver o curso completo fundamental suas chances na vida são tais”..... se você tiver.... em termos de salário, quem tem curso universitário ganha xis tanto do que os outros trabalhadores e tal”. É uma certa distorção. É um aspecto da escola como formadora de mão de obra pro mercado, mas a escola não pode ser reduzida a isso e se reduzida a isso ela está muito mal hoje em dia.

### **Interação na comunidade**

O mercado está cada vez mais exigente. O que aconteceu ontem, que te falei. fizemos uma passeata lá no bairro do Rio Pequeno. Saímos nós os professores com os alunos da Escola Brasil- Japão. De duas ou três escolas próximas. Foi um negócio muito interessante. O fato da da Universidade de São Paulo ficar muito perto, também terceirizar serviços, uma aluna nossa acabou arrumando um emprego nessa terceirização. Ela deve trabalhar na área operacional, de limpeza de alguma unidade da universidade, trabalha já há algum tempo, e teve contato com a gente. Estudantes que trabalham dentro da USP também são um pessoal que estão comprometidos com reivindicações estudantis e reivindicações trabalhistas dentro da Universidade de São Paulo. O vínculo e a relação dela com esse grupo é pelo trabalho. Quando surgiu a proposta de fazer uma passeata em prol da manutenção do EJA, da melhoria do EJA, ela procurou os professores –“ eu posso tentar ver o apoio do pessoal lá da USP”.... Aí a gente franqueou esse apoio. Ela trouxe primeiro os contatos, reunimos todos os alunos lá embaixo, naquele pátio que temos. Vieram quatro alunos da USP. Os quatro falaram. Tinha aluno de história, aluno de letras e assim por diante. Falaram tanto de sua prática como estudantes e trabalhadores, dos movimentos grevistas ( risos). E eles tiveram ontem conosco na organização. Nesta primeira visita onde eles foram lá, ter esse contato, já chamei a atenção dos alunos: – falei olha “é muito interessante o que acaba de ocorrer aqui , afóra tudo o que eles falaram tudo o que vocês aprenderam, aqui está sendo colocada claramente uma dimensão. Para vocês e para todos nós. Eles estão aqui interessados em defender a escola pública, como participantes e trabalhadores estudantes de uma Universidade Pública. As vezes a gente fica aqui pensando em concluir o primeiro grau, a gente tenta estimular os alunos a ir para o segundo grau e as vezes ficamos meio perdidos, cada um vai e tenta. Aqui está a dimensão. Eles estão trazendo pra nós a dimensão da coisa. É possível a gente pensar em unir as dificuldades. Que os problemas não são apenas nossos e não são apenas deles, o problema do ensino no país está aqui claramente posto nas duas bancadas. Estão aqui eles e vocês aí como estudantes de ensino fundamental. Tudo escola pública. Eles tem críticas muito fortes ao ensino da Universidade. Vocês tem críticas muito fortes ao ensino que vocês tem agora, e as condições para que esse ensino se dá. Eles estão chamando a atenção das más condições do ensino na Universidade, salas superlotadas, nós temos e eles também têm. Falta de professores da Universidade, aqui a gente tem o mesmo tipo.... Enfim os problemas são comuns.... Só que trás uma dimensão, que é o seguinte: “é possível também chegar lá onde eles estão , que é preciso lutar pra isso com afinco, mas para isso é preciso batalhar melhores condições na escola”. Quando partimos disso e conseguimos fazer a passeata de ontem, saímos pelo bairro, gritando as nossas palavras de ordem. Fizemos um barulhão. Aí um aluno no final falou assim-“Professor Carlos de que isso vai valer ?..... .. Eu olhei para ele e falei assim “vamos dividir a coisa em duas partes , nós saímos daqui com objetivo de sensibilizar a comunidade, para que a comunidade possa lutar conosco, lutar por uma escola de boa qualidade, manutenção dos cursos noturnos que essa comunidade precisa. .... Estão fechando sala, } fechando escola. Ela precisa e não vai ficar sem estudar, esse era o nosso objetivo. Se a gente conseguiu isso eu não sei. Outra coisa do ponto de vista externo é que tivéssemos a oportunidade de chegar ao conhecimento das autoridades locais da educação, isso a gente conseguiu. Mesmo eles não estando presente a gente conseguiu. A supervisora esta lá na escola, ficamos sabendo que ela está esperando voltarmos., Daqui a pouco nós vamos entrar lá e conversar com ela. Já estive aqui antes e viu toda nossa movimentação e organização. Então chegou lá, de alguma maneira chegou”. Agora tudo isso é meio ponto de interrogação,

falei para ele mas tem um outro lado que a gente tem de ver, nós conseguimos. De uma idéia, concretizar essa idéia e fazer. Conseguimos sair, fazer a passeata foi uma grande vitória Você não acha? Nós saímos, quem estava aqui sabia que não ia ter aula. Estava aqui para participar de alguma coisa. Veio aqui acreditando que é possível fazer alguma coisa, veio com essa perspectiva. O pessoal está aí com a voz tudo rouca porque saiu gritando. Gritou não foi só para fazer bagunça, foi porque estava convencido. Acho que é um extremo ganho que tivemos. Se não pararmos por aqui, se continuarmos trabalhando isso e se tornar consciência cada vez maior, vai ser legal. Fazer novas passeatas, vamos criar eventos que significam ganhos, dentro desta perspectiva de luta. É legal então, temos que trabalhar amanhã mesmo. Voltar e conversar a respeito que isso é fundamental. Sabe então por mais que decline as coisas, eu acho que você não pode, perder a esperança. Temos que olhar e sempre acreditar que há alguma coisa lá ainda.

### **Prática Pedagógica**

Acho que aí nós temos de ser sinceros, afeta ou tem afetado ultimamente mais no sentido negativo. Falo até por mim mesmo, as minhas expectativas sobre determinadas coisas, mesmo quando planejadas por mim, os resultados as vezes me deixam muito acabrunhado. Há alguns anos atrás eu conseguia mais dos meus alunos sabe. Tanto especificamente do ensino da história. Eu ensinava mais a disciplina. Hoje me parece que a disciplina é um instrumento que eu tenho pra com eles dialogar e refletir sobre a nossa realidade, é esse o uso que eu tenho feito. Se eu comecei em setenta e cinco e setenta e seis como professor de historia, isto é de transmissor de conhecimento histórico, hoje eu instrumentalizo mais esse conhecimento. Não me dou por satisfeito com essa instrumentalização. Primeiro porque não tenho visto resultados tão positivos, segundo porque ao instrumentalizar não sou e nunca serei uma pessoa que tentará impor minha visão ideológica. O papel do professor é abrir a cabeça das pessoas para as diversas maneiras de se encarar a coisa, a partir dos interesses e da posição social de cada um. É fazer com que o aluno de periferia entenda qual deva ser as posições que ele possa a vir a ter do ponto de vista ideológico em relação a sociedade, a sua comunidade, a população, a comunidade como um todo. A luta ideológica, ela é tal hoje em dia, que tentar colocar para o pobre uma ideologia do pobre é uma coisa que também pra mim parece errada, é no jogo ideológico que as coisas caminham, é na dialética desta. Da confrontação das ideologias e das forças sociais. Aliás quem pode mais pode mais, quem é mais forte é mais forte, a ideologia não é suficiente. Mas de qualquer maneira do ponto de vista, do conhecimento imaginava que deveria ser assim. Eu não estou propriamente satisfeito. As vezes me vejo discutindo com alunos e com colegas meus, questões que eu não acho extremamente relevantes não. Caímos as vezes no cotidiano escolar em questões tão miúdas que eu me envergonho delas de vez em quando. Acho que a escola hoje em dia, está perdendo a capacidade de criar seus próprios projetos como ela não deveria perder. O profissional de escola o chamado educador ou professor esta perdendo a capacidade de propor, de ir atrás, e é engraçado isso, vocês que estão na universidade..... Existe hoje muito mais opções do ponto de vista teórico, do ponto de vista metodológico, do ponto de vista de sistematização, instrumentalização dessas coisas. Do que tínhamos lá atrás, antigamente se pensava história com um conhecimento que você transmite, hoje não é assim, hoje você tem “n” coisas. Temos uma universidade de situações, é engraçado por que parece coisas que estão em oposição, não é? Você nunca foi talvez tão fértil na propositura teórica, metodológica, e tão ineficiente, tão precário, tão pobre nos resultados em sala de aula, é aquela coisa assim, Vamos manter a distância, A universidade é lá em cima e a realidade do ensino cá embaixo.

### **Prática pedagógica**

Num programa em que valoriza o ensino de história brasileira e da América. Você viu lá meu programa, e na série final uma perspectiva de buscar na experiência do aluno como trabalhador, buscar elementos teóricos e conceituais pra que ele possa ter uma visão melhor da sociedade que vive, que está inserido. Há um esforço na ultima série no sentido que conheça um pouco. Veja a coisa um pouco além da sua condição de mero trabalhador, mas lhe seja permitido conhecer através de textos. Alguns conceitos, algumas noções chaves para que ele entenda o mecanismo de funcionamento do sistema capitalista. E que ele não se sinta hoje nos dias do desemprego, apenas como um incapaz ou como uma vítima. Sou pobre, e pobre é isso mesmo, está sempre desempregado. Ele veja o desemprego dentro de uma perspectiva de sistema econômico, que tem uma determinada forma de funcionamento. Essa forma de funcionamento é movida pelo lucro, e esse lucro é apropriado por uma classe, a qual ele não pertence e que explica essa situação dele nesta sociedade. Eu acho que se eu conseguir transmitir isso, se conseguir mostrar á ele, um pouco do que acabei de falar, essa coisa do lucro, como que ele se realiza, eu não estou com isso querendo lançar o pobre raivosamente contra o rico. Mas eu estou querendo mostrar para ele que é um sistema que funciona de uma tal maneira, em que a reprodução do capital se dá da mesma maneira como se dá a reprodução da pobreza. Se a população e a sociedade como um todo entender isso, a possibilidade de negociação para uma sociedade melhor, mesmo mantido o sistema capitalista, mesmo mantendo-se dentro do sistema capitalista é possível reformulações. Há vinte anos atrás eu diria, é possível a superação da sociedade capitalista, mas hoje os revezes foram tantos que acho que a posição de esquerda possível é pensar num sistema econômico, social, cultural cada vez mais justo e mais democrático possível. Que se espalhe mais amplamente pela sociedade, os benefícios da riqueza que é gerada por esse sistema de produção em que vivemos. Eu lecionava no Butantã sim. Lecionava no Álvaro Silva Braga, que era um outro bairro ali da região. Lecionei no Pedro Narra. Há quinze anos atrás fui parar no Campo Limpo. Entrei, fiz o concurso na época da Erundina. Eu já estava lá no Campo Limpo, e escolhi uma escola que chamava Prof. Não sei o que Levi. E eu gostava de lá, era uma escola literalmente cercada por favela. Três faces dela eram cercada pela favela. Um lugar extremamente violento, perigoso, mas eu gostava, fiquei dois anos lá. Porque que eu sai? Foi porque até chegar lá e voltar era um tempo danado, meu carro velho era uma Belina e o caminho para lá era cada vez pior esburacado. Aquilo que chamava avenida era a antiga estrada do Campo Limpo. Ainda era uma estrada. Pelo jeito que estava, uma estrada mal conservada. Eu falei acho que é possível pleitear uma mudança para mais perto eu precisava também deixar de perder tempo, e aí vim para mais perto da minha casa.

### **Professor de história hoje**

Eu posso te dizer que eu não sei?( Risos ). Eu posso te dizer o que tento fazer com eles. Acho que quando você me perguntou em termos do que desenvolvo, É aquilo. Acho que um pouco você tentar dar aos alunos uma síntese do conhecimento histórico do Brasil, da realidade brasileira, explicar essa realidade brasileira mediante um enfoque histórico, que tem como objetivo aquela velha definição. Formamos elementos, indivíduos críticos e participativos. Não devemos perder a esperança de que sejamos participativos e críticos. Não sei. Eu não tenho maior sonho não, Eu me sinto assim meio próximo de encerrar a atividade, não tão próximo, tem sete anos ainda do ponto de vista da aposentadoria. Eu acho que qualquer pessoa em qualquer atividade profissional, que vai entrando numa determinada idade, vai pesando. A atividade de lecionar dependendo do público que você tenha, pode ser complicada. Por exemplo, evito dar aula durante o dia para a criançada. Prefiro o jovem adulto que consigo

ter uma relação. Lido melhor com isso, eu até sinto que com eles eu consigo ter amizade identidade, me sinto as vezes um professor querido. E eu acho que não teria o mesmo, não colheria o mesmo resultado, a tarde. Nas escolas públicas à tarde as condições estão..... Aliás isso eu gostaria de deixar registrado, o grande problema da educação pública hoje, está naquilo que ele deveria ser melhor. A escola pública deveria funcionar de forma excelente de manhã e a tarde que é seu..... ( fim da fita) Tivemos que virar a fita e eu me lembrei de um negócio que acabou sendo uma das ultimas palavras e não foi registrada que eu declaro que o problema maior do ensino público é a sua deficiência onde deveria ser sua excelência que seria nos períodos diurnos, manhã e a tarde, e ao mesmo tempo havia dito que prefiro dar aula a noite. Queria deixar registrado porque não ficou registrado, que admito que isso é uma contradição minha. Admito, mais eu não me sinto preparado sozinho ou coletivamente dar conta disso assim como a maioria dos colegas e diversas escolas não se sentem capacitados para isso por falta de condições, por falta de política educacional que a gente está vivendo, culpar o profissional, só os professores é uma maneira. Temos que assumir as responsabilidades nossas. Acho enfim pelo momento quero assumir essa contradição também. Agora voltando ao que você colocou. Foi gostoso, a gente já tinha acertado. Nunca havia feito isso antes, nem tinha idéia de que maneira ia me sair, nem sei como me saí. O que você acha? Da minha parte gostaria de não só assumir a contradição novamente. Tem determinados momentos.... A minha idade, já, estou com cinquenta e oito anos, não tem muito a esconder. O que eu falei aqui está pautado na sinceridade nada mais. Eu não tenho o que esconder meus defeitos e nem minhas virtudes se é que eu as tenho. Vamos ser sincero naquilo, e quem sabe a sinceridade possa ser útil para alguma coisa.